

O mal nosso de cada dia

FERNANDES, Millôr. Contos fabulosos. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. 221 p.

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa | UFMG

Refletindo sobre o óbvio, os costumes, o lugar-comum e a condição do escritor, o livro de Millôr – adiantemos – trata do mal nosso de cada dia. Nada mais assustador para aqueles que lidam com o fazer literário do que entender que o autor, que desmentindo Foucault, não morreu, se promove a ponto de se tornar vendedor do seu “produto” ou de si mesmo. Há uma inexorável condição da contemporaneidade no texto de Millôr: além de descortinar os meandros da construção do texto, ele também exhibe para o leitor as condições de produção, relações comerciais entre autor-leitor, mediado, até, às vezes, pelo editor. Decorrente disso, a palavra do autor deve agradar e ser digerida, ainda que o assunto seja difícil de engolir. Assim se cria o verbo na literatura do Millôr. São histórias curtinhas, rápidas, folhetinescas e quase descartáveis se não as lemos como uma procrastinação diária para entender que a vida do brasileiro vai mal, muito mal. Porém, se entender e dizer tais coisas é quase um bordão no perfil de um povo mestiço, colonizado e acanhalado pela literatura desde Gregório de Matos, Manuel Antônio de Almeida e Mário de Andrade, em Millôr, vemo-lo renovado. Ainda bem, caso contrário, talvez nem valesse a pena ler, pela mesmice de um humor fácil e reacionário, um livro descartável, uma vez que, propondo-se como novo, em letras discretas, na ficha de catalogação, vemos que os velhos contos ressurgem como “acondicionados” – termo do autor – e penetram uma publicação de 2007.

Há no livro, entretanto, uma atmosfera de perversidade fascinante, lúdica, cruel e lúbrica que mostra o trágico da condição humana brasileira. Rimos pouco em algumas situações, bastante em outras e ao fim do livro recebemos uma mensagem moralista e caridosa: sustentamos um escritor. Nesse sentido, a

perversidade triunfa: comprar o livro e, em lugar de cultivar o espírito das letras, render dividendos para o autor, eis o objetivo.

As ilustrações de Angeli compõem o texto em sintonia com o tom e os propósitos da obra. Numa estética de pasquim, em vermelho, a capa do livro ilustra uma das fantasias mais comuns do sexo “frágil”, manter o homem no cabresto. A mesma ilustração acompanha o conto “Os approaches”¹ do capitalismo, encerrado pela moral: “Se não fosse pelo valor que você pagou por este livro, o autor não estaria aqui.” Em resumo, autor e ilustrador assumem que sua obra é matéria que se nos oferece para fornecer valores materiais para a vida “dos artistas”. Velhacaria ou imposição do sistema?

Nesse tom de delação e conivência, cinismo e riso relatam o dia a dia pervertido com o poder, a vizinhança, os amigos, a família, os inimigos, os parceiros. Dois adultos perversos, Millôr e Angeli, numa monstruosa infantilidade que permite rir e relaxar, imaginam variedades cretinas em quase todas as formas de maldade ordinária.

Mais curioso é que Millôr abre a obra com uma *Autobiografia de mim mesmo à maneira de mim próprio*. Datada de 1968, aliás, o único conto datado, o relato marca, como um primeiro movimento, o tom desse livro, que se poderia nomear de filosófico ou, recorrendo a uma nomenclatura mais próxima dos estudos clássicos, chamar-se-ia de um *gnôthi seautón*. Então, digamos que o escritor deseja conhecer-se, ou mostrar-se – “(...) Quem é que sou? Ah, que posso dizer? (...) anseio pelo desconhecido (...) Mas meus cursos maiores são de rua (e uma ou outra estrada), com seus currículos vitais de malandragem e medo (...) sou popular por natureza por mais que me esforce pra ser hermético e profundo (...) – e a partir daí ele vai relatar episódios diários de outros que poderiam, muito bem, ser qualquer um de nós – (...) sou como toda a gente.”

Desse *gnôthi seautón* tão grego, hermético e profundo (contradizendo o que ele próprio afirma acerca de si), popularizado e vulgarizado, segue-se um segundo conto, “A gruta”, à moda da alegoria da caverna de Platão, mas simplificado. De fato, com extrema simplicidade, Millôr consegue discorrer acerca da sorte de Ingmar (veja-se o nome tomado do cineasta a fazer analogia com projeções de imagens), um pobre homem que consegue ganhar a vida, tornar-se rico empresário para depois concluir que “(...) antes era mais feliz, muito mais

1. O erro parece ser a manifestação de um mal nosso de cada dia, a perversão do inglês...

feliz, porque não estava acorrentado às cadeias de ouro do mundo do poder”. Ingmar larga tudo – riqueza, poder e *status* – e vai, com a família, para as montanhas. Lá, vivendo numa caverna, depois de uma semana, todos serão devorados por um leão. O final perverso alivia nossa angústia pela passividade em que nos colocamos no dia a dia, angústia também pela nossa hesitação que deixa passar o tempo sem deliberar pelo que sabemos ser um caminho mais libertário: vontade de impotência que está sempre incomodada pela razão. Ao final da história, rimos e compactuamos com o escritor, pois nos alegra que nossa impotência diante das *cadeias de ouro do mundo*, à luz da lógica, seja ofuscada pelo brilho da nulidade da opção de outrem; e continuamos na caverna de Platão, encadeados, rindo pelos 132 contos fabulosos que se nos mostram à frente.

Pacto interessante é o que fazemos com a violência, pois artifícios para conviver com o inevitável existem e *no cerne da violência nem sempre há uma violência*; pelo menos é o acordo que lemos em “Sempre Alerta!”, história daquele escoteiro que excita seu cão policial ferocíssimo para correr atrás de um velhinho que desejava tomar um ônibus que não esperou no ponto. O problema do mal (ou seria a solução para ele que quer potencializar-se cada vez mais?), depois de Nietzsche, é que a lucidez recusa-se a ver, sem desconfiança, a realidade inocente: e estabelece que há sempre um mal sob a aparência de bem. Seja lá como for, o pior mal volta-se contra seu autor. Revela seu desejo de instrumentalizar tudo, inclusive a literatura e o pensamento.

Mas focalizando apenas os contos nos quais Millôr reescreve temas clássicos, é de mencionar-se a narrativa curta e espantosa desenvolvida em “O facínora”. Uma página apenas para contar a história de dois irmãos, “um bom e outro mau, como sucede nos filmes. (...) o mau era mau no superlativo – era um facínora. O bom era bom condensativo – era um policial secreto, sério e cumpridor dos deveres. (...) um dia aconteceu que o facínora foi assaltar um banco. (...) se defrontam, oh, o Bom & o Mau. (...) o irmão bom, comovido e solene, hesitou, o irmão mau liquidou-o”. As histórias de irmãos inimigos, sem dúvida, nos levam aos enredos de tragédia grega (por recomendação aristotélica!). Esta, em particular, poderia ser comentada à luz de *Os sete contra Tebas*, de Ésquilo. O mal se encarna monstruosamente no seio familiar. E como Millôr resolve a situação? Há que se tirar algo de bom dela, mesmo quando tudo vai de mal a pior; assim, o facínora trocou sua roupa e seus documentos com os do irmão e ganhou um prêmio pela captura do perigoso contraventor. Conclusão: o crime compensa no caso de irmãos gêmeos. A moral às avessas escandaliza mais quando nos apropriamos de um trecho de

outro conto, “Um drama pasional”: “(...) O único modo que se nos apresenta de não parecer ao leitor que estamos escrevendo uma humorística é dizer que Mopir lagora, para nós, o facínora do outro conto] soltou uma bruta gargalhada no momento em que viu o rival para sempre eliminado do mundo dos vivos.”

Todavia, se abordamos o mal nosso de cada dia e até agora apontamos só horrores em projeções gregas e, mais, trágicas, cabe-nos destacar o miudinho da vida: O aldeão e o demônio. Num dia comum, descansando sobre uma árvore, em carne e osso, surge à frente do homem o demônio e lhe oferece três desejos: bate em seu criado, mata tua mulher e bebe esse vinho. Naturalmente, como um bom sujeito, o aldeão aterrorizado por aquela visão e buscando uma sabedoria ancestral, escolheu um mal menor, inócuo mesmo: bebeu o vinho e dessa ação decorre que ele espancou o criado, matou a mulher e virou playboy. Que mal mais ordinário é o alcoolismo... Que situação mais provinciana a do bem-comportado interiorano, que gostar de uma branquinha. Porém é dela que se erige a figura de Aristóteles aconselhando a Nicômaco – dado que um homem que se põe a beber sabe, quando deu início a seu ato, que a bebedeira faz com que se perca o controle de si; no descuido, os homens são pessoalmente responsáveis de se terem tornado eles mesmos descuidados.

Não queremos etiquetar, como de resto ocorre a todo humorista (até mesmo o obsceno Aristófanes), nem queremos entender Millôr como preconceituoso e moralista – talvez –, afinal ele é como toda a gente; e, como acontece com toda a gente, por acreditar no azar, encontramos no livro um conto melhor ou pior solucionado, de uma ideia bem ou mal conduzida, de uma expressão de beleza poética junto ao prosaico e às vezes chulo. Assim se criam as ervas daninhas na literatura de Millôr. Mas em meio a males pequenos como traições a maridos enfadonhos, sequestros, assaltos, leviandades frugais, misérias, depressões domésticas, ideologias passageiras e indigências diárias há males (ou seriam bens?) que não é possível ignorar. Como em “Os Roceiros”, que narra a ida de um casal capiau a um restaurante, quando o marido, como de praxe, despachado, pergunta ao garçom para que servia a *lavander* que estava na mesa. À pergunta o garçom responde amavelmente: “É para os senhores lavarem as mãos.” A mulher, rindo da resposta, retruca ao marido: “Tá vendo? (...) Você faz uma pergunta idiota, recebe uma resposta idiota.”

Então, afinal, qual a razão dessa resenha, amigos? Ela está estampada, corajosamente, em “Suicídio, um conto aterrorizante” e com ele termino esta crítica, certa de que os contos fabulosos do escritor carioca são imperdíveis para entender

nosso mal de cada dia ou a realidade humana de um mundo sem humanidade. No conto referido, começamos a ler a história na expectativa do riso que surgirá de dois cadáveres encontrados num recanto solitário de um jardim na Tijuca, todavia o riso não vem e nem virá. Se Nietzsche preconiza haver maldade escondida na bondade aparente, julgo haver certa benignidade na perversidade revelada de Millôr, que ousa afirmar que o esquecimento do mal é o melhor mal (o mais *terrível de todos*) *que se pode esperar da perfeição de mal. Tomando suas palavras aterradoras:*

Quantos de nós não estaremos agora mesmo ao lado de um desses jovens tresloucados que de sorriso nos lábios pensam em amanhã apagar o fogo da existência que lhe poderia transcorrer tão feliz? Ninguém poderá responder.

Mas bem que amanhã poderemos ver suicidas aos montes que, como Isabel e Mário, deixam apenas um bilhete: “morremos, porque com a vida assim, nem é possível amarmos”.

Diante de todos os acontecimentos diários, os quais “vamos levando”, como se estivéssemos encadeados em cadeias de ouro e com os quais lidamos no ordinário da vida e nos identificamos com um riso impotente; o livro vem, em boa hora, denunciar uma convivência tácita e acomodada com o mal e, com isso, parece afirmar que estamos “no melhor do mal”, aquele incorporado, vencedor e hegemônico. Vale uma reflexão.